

O corpo domesticado

Paraenses do Coletivo Umdenós apresentam investigação da dança na quarentena no “Arte como Respiro”

Lais Azevedo

lais.azevedo@diariodopara.com.br

Os paraenses do Coletivo Umdenós estreiam nesta quarta-feira, 16, a cena de dança contemporânea “Por Aqui” no “Festival Arte como Respiro - Edição Cênicas”. A programação, que segue até domingo, no site do Itaú Cultural, oferece ao público mais um recorte dos contemplados na série de editais de emergência realizados pela instituição para apoiar artistas impactados pela Covid-19. Serão 34 espetáculos de dança, teatro e circo para adultos e crianças. Ao longo do mês, o festival conta, ainda, com apresentação de contemplados nos editais de música, de 23 a 27 de setembro, e de artes visuais, até 7 de novembro, com outros três artistas paraenses.

Rosângela Colares, que integra o Coletivo Umdenós, ao lado de Bruno Cantanhede e Leo Barbosa, conta que o material foi produzido por eles bem no início da pandemia, no mês de abril. “A gente até assistiu a ele novamente, um dia desses, e achamos interessante como questões que a gente levantava em cena sobre o isolamento, a pandemia, se confirmaram depois”, diz ela. Os três artistas são criadores da cena e nela abordam como suas rotinas e modo de trabalho foram alterados pelo isolamento social.

“A gente estava ainda buscando um entendimento dessa nova realidade, em que não podia estar junto, não podia se abraçar, e como a casa ganhou a dimensão de um mundo, como esse mundo começa ele mesmo a propor outra perspectiva do que é a nossa dança, nossa arte, como a gente se move no ambiente doméstico”, explica Rosângela. A videodança foi roteirizada, filmada e editada pelos três, cada um em sua própria casa. “Depois, a gente foi montando e mostrando como essas rotinas dialogavam, como a gente dança e cria uma estética única a partir de dimensões espaciais diferentes”, adianta.

PROGRAMA VARIADO

As reflexões sobre as consequências físicas e emocionais do atual momento de pandemia, assim como questões raciais e sociais, continuam em pauta nos demais espetáculos para adultos desta série de apresentações no festival. Cada espetáculo/cena tem seu dia de lançamento, sempre às 20h, e fica disponível no site por 24 horas. O mesmo ocorre com as sessões infantis, que acontecem no sábado e domingo, às 15h, mas estas são voltadas à linguagem do circo, com números tradicionais e também espetáculos curtos.

Além do coletivo paraense, o público vai encontrar videoperformances adultos como “Desabituar”, do coletivo cearense Fuzuê, também nesta quarta-feira, em que eles mostram suas habi-



Rosângela Colares na videodança “Por Aqui”. Ela integra o Coletivo Umdenós ao lado de Bruno Cantanhede e Leo Barbosa. FOTO: DIVULGAÇÃO

lidades acrobáticas e investigam seus corpos, também no ambiente de casa; o carioca “Dez Dias”, na quinta-feira, que compartilha e reinventa os diários feitos pela artista brasileira Ana Luiza Fortes e a argentina Sofia Brihet no contexto da quarentena; e, na sexta-feira, “Em Crise Ambiental ou Humana?”, da atriz e bailarina paulista Raquel Polistchuck, que colo-

ca em questão o ego da produção humana, com performance, dança, atuação e jornalismo.

No fim de semana, a programação adulta divide a cena com as sessões para as crianças, com apresentação, no sábado, de artistas como os palhaços Chevette & Cotoco, mostrando diferentes técnicas de malabares; e o palhaço Cavaco, que

apresenta Maria, sua pulga adestrada, no espetáculo “O Incrível Salto da Pulga”. No domingo, a criançada assiste ao espetáculo “Jerônimo em Quarentena”, da companhia paulista Circo Caramba; a série de vídeos em formas animadas “Histórias de Pijama”, dos gaúchos da Associação Varanda Cultural; entre outras apresentações para o público infantil.

“A gente estava ainda buscando um entendimento de como a casa ganhou a dimensão de um mundo, e como esse mundo começa a propor outra perspectiva do que é a nossa dança”

Rosângela Colares, bailarina

Três paraenses mostram suas obras no recorte de Artes Visuais

No segmento das artes visuais, os projetos selecionados para o festival “Arte como Respiro” foram divididos em dois formatos para apresentação no site do Itaú Cultural: o primeiro em vídeos, e o segundo, em uma publicação digital, que será lançada no final do festival, reunindo fotografias e obras de arte. As obras em audiovisual, por sua vez, foram organizadas em quatro mostras: “Corpo e Performance”, aberta até 2 de outubro; “Espelho do Cotidiano, Espaço de Criação”, aberta até 9 de outubro; “Identidades: Reconhecer e Resistir”, aberta de hoje até 16 de outubro; e “Videarte e Experimentação”, que ocorrerá de 7 de outubro a 7 de novembro.

Na primeira mostra, já está presente um dos paraenses selecionados ao festival, o performer Rafael Bqueer, com o vídeo “Sem Título”,

no qual o corpo do artista vira objeto-sofá, que rasga o tecido-pele para conquistar a liberdade. Desenvolvida em fevereiro de 2019, a obra é um dos resultados de um ano de curso que ele realizou no Parque Lage, no Rio de Janeiro, e parte do atual momento de seu trabalho, de desafiar a performance na relação com outras linguagens, colocar o corpo em relação com objetos, em performance-escultura, ou performance-instalação. “Desde 2019, meu trabalho vem apontando pra essas relações transdisciplinares”, diz ele.

O artista considera que toda obra de arte é atemporal, com suas imagens e signos em constante diálogo com o mundo, o que ocorre com esta criação. “Quando me inscrevi [para o edital do festival] no momento da quarentena, estava muito evidente essa relação do cor-

po com a casa, então é a linguagem da obra de arte sendo ressignificada para esse momento histórico”, afirma o artista, cuja obra também vem de uma pesquisa iniciada em 2017, com tecidos e lycra, “o que também dá essa sensação do hibridismo e desse sufocamento”, aponta.

“Meu trabalho é um eterno desdobramento, não sou um artista que pensa uma obra como algo fechado, é sempre uma obra em constante ação e ressignificação”, afirma.

Já na segunda mostra do festival, “Espelho do Cotidiano, Espaço de Criação”, o público tem a oportunidade de assistir a “Senso Comum”, do paraense Gabriel Tantacoisa. A obra traz o artista e um duplo que ele criou de si mesmo para questionar que a principal ameaça deste momento talvez não seja só o vírus mortal, mas o próprio homem. Dentro da mesma temática, estão obras



No vídeo de Rafael Bqueer, o artista vira objeto-sofá e rasga o tecido-pele para alcançar a liberdade. FOTO: DIVULGAÇÃO

como “Rituais Virtuais”, do gaúcho Silas Souza de Lima, que filma o cotidiano de uma travesti; o vídeo-poema “Isolamento Do Eu Em Mim”, do carioca Sandro Aragão; e “Quais São os Vírus da Nossa Sociedade?”, de Ana Clara Poltronieri e Daniel Lupo, da Paraíba, sobre o isolamento das mulheres que sofrem violência doméstica.

O terceiro projeto paraense a ser selecionado para esta leva de apresentações é o vídeo “Frente & Verso”, de Maria Christina, em que a artista se permite tomar a liberdade do tempo

para sentir, escutar e refletir. A obra integra a quarta e última mostra de artes visuais, junto a outros trabalhos que refletem sobre os aprendizados e os sentidos que as pessoas tiveram neste tempo de ressignificação e experimentação, mas também de ócio, exercício de paciência e criação. Entre eles, está o short film “Goma”, das cariocas Marina Lima e Viniele Lopes; a obra-instalação “Rotundo”, do paulista Felipe Lion Salles Souto; e o vídeo “Toque”, de Pedro Muniz, de Pernambuco, com música e imagens.

CONFIRA

• Festival Arte como Respiro
Edição Artes Visuais
Quando: Até 02 de outubro (Mostra Corpo e Performance); Até 9 de outubro (Mostra Espelho do Cotidiano - Espaço de Criação); A partir de hoje até 16 de outubro (Mostra Identidades: Reconhecer e Resistir); 7 de outubro a 7 de novembro (Mostra Videarte e Experimentação)
Edição Cênicas
Quando: Hoje até domingo, sempre às 20h
Onde assistir: www.itaucultural.org.br
Quanto: Gratuito

“Meu trabalho é um eterno desdobramento, não sou um artista que pensa uma obra como algo fechado”

Rafael Bqueer, artista visual

JORNAL DA BAND
SEG A SÁB 19H20
RBATV
Afilhada BAND

Nem sempre você gosta das notícias, mas sempre adora o jornal.

Título: Sos un egoísta

Veículo: Revista Desvio

Página: Online

Data: 19/09/2020

Page Views: 0

Centimetragem: 13.78

Valor: R\$ 1.940,80

Unique Visitors: 0

[Sos un egoísta](#)
Revista Desvio - 19/09/2020

Deixe um comentário em Sos un egoísta

Navegava no Instagram quando encontrei o trabalho Postal (2019) de Rafael Amorim . O frame do vídeo, cuja legenda enunciava "Sos un egoísta", de imediato chamou-me a atenção. A expressão soou tão familiar que eu quase pude identificar o sujeito que a declamava, atribuindo-lhe uma voz e até um corpo. Embora a experiência das redes sociais seja hoje tão fragmentada quanto o zapping (confesso que em muitos casos não assisto os vídeos completos), nesse dia decidi ficar até o final.

Realizada durante o programa de formação gratuito da **FAV Parque Lage**, do qual o artista participou em 2019, a vídeo-performance de 7'43" se desdobra a partir de provocações com o espaço do **Parque Lage** enquanto **escola** de arte e ponto turístico. Nela Rafael executa uma ação simples e cotidiana, hábito comum da classe trabalhadora brasileira: a ingestão da marmita. Porém, ao inserir o hábito cotidiano em um cartão postal da cidade, o gesto se transforma em provocação, quase insensatez.

"Sos un egoísta" é o ponto culminante da performance. A ocupação do espaço pelo outro, quando contrária à espetacularização, torna-se estranha e indesejada. Enfim, egoísta.

Reconheço que, conforme o vídeo avança, a minha identificação aumenta. Afinal, há um ano atrás vivenciei uma situação similar em outro espaço turístico (desses que possuem fundos perfeitos para a foto "obrigatória", à maneira da piscina do **Parque Lage**). Me identifico com o lugar ocupado pelo artista naquele momento, com esse contra-uso do cenário fotográfico. Me identifico com o sujeito exposto a ofensas. Sujeito egoísta.

Quais são os motivos da minha presença em um espaço? Como o hábito? Que usos estão permitidos ou aceitos? Quais são os usos egoístas?

Onde termina a **escola** e começa o cartão postal?

Rafael Amorim parte do questionamento sobre os limites entre **escola** e cartão postal. Contudo, o acaso de uma ação levada a cabo em espaço público amplia os resultados. Postal é, também, um fiel retrato de uma prática contemporânea: o turismo "fast-food", aquele de rápido consumo.

Para assistir o vídeo clique [AQUI](#) .

Vanessa Tangerini é carioca e suburbana. Ex-aluna do Pedro II e da EBA (UFRJ). Cursa a Licenciatura em Curadoria e História da Arte na Universidad del Museo Social Argentino em Buenos Aires, Argentina. Atualmente desenvolve sua pesquisa na área de Curadoria e Educação.

Compartilhe isso: